

LOCAL

Há folia em Famalicão, e por todo o país, e dura mais que três dias

Não tem samba, cabeçudos, caretos ou matrafonas. Ou pode ter, basta que os foliões queiram. A noite de Carnaval em Famalicão é espontânea, mas há quem passe muito tempo a prepará-la

Reportagem Renata Monteiro

Para já, em Vila Nova de Famalicão, só se ouve cantar o galo. Não há elefantes nem usos e super-heróis e as super-heroínas ainda se disfarçam por baixo de roupas normais. Mas durante os próximos dias, a cidade transforma-se.

É assim todos os anos há década e meia. “Nós desde o princípio que vamos lá à festa. Aquilo era só aquela ruinha de Camões, Passávamos lá, tinha o palcozinho para quem quisesse ir desfilhar e era só aquilo, agora não, agora, em todo o lado de Famalicão, é Carnaval.” Quem o diz é a dona das mãos responsáveis por espalhar alguma da magia pelas ruas da cidade.

Logo no final de Janeiro começam a chegar os pedidos. Pequenininhos que se querem transformar nos seus grandes heróis e homens e mulheres grandes que querem vestir-se dos grandes de quando eram pequenos. E a Dona Carmo põe mãos à obra. Muitas das vezes, com uma máscara vestida.

Pega nos tecidos mais coloridos que em todos os outros dias ficam esquecidos, nas tesouras, nas purpurinas e nas fitas, nas pistolas de cola e nos brilhantes. “Faço à volta de uns 40 fatos por ano, adoro, é o que mais gosto de costurar”, confessa. Começa pelos dos mais pequenos, já terminados e pendurados num cabide do lado direito, à entrada, “prontos a levar para o desfile das escolinhas”. Há princesas, um Popeye, personagens da Patrulha Pata “e até uma bola de Berlim com creme”.

Na prateleira maior, guarda os fatos que vestiu noutros Carnavais. Ainda não fez o deste

ano, “esse só fica pronto na segunda-feira e ao fim da tarde”. Também não revela em que se vai transformar. Na origem do segredo está uma brincadeira “de há muitos anos”, explica a filha. “Saímos e chegamos todos mascarados, completamente tapados, não falamos com ninguém, pegamos com toda a gente e nunca ninguém sabe que somos nós.”

Durante estes dias, “entra-se no Carnaval mal se põe um pé na rua”. Alexandra trabalha num dos bares “onde tudo começou”. É um dos vários espaços que ladeiam a Alameda Luís de Camões, uma rua larga, mas onde não são precisos mais de cem passos para a percorrer do início ao fim. Na noite de segunda para terça-feira, “a confusão é tanta que se demora mais de uma hora a passar pelo meio da multidão e chegar ao fim do caminho”.

“Esta rua, de porta a porta, era só bares”, diz. Foi aqui que a festa começou há quinze anos e agora, milhares de pessoas, depois, a Câmara começou a ajudar e a patrocinar algumas.

Cada bar monta uma barraca na rua, servem-se bebidas que se entornam no meio da dança, e a festa faz-se no meio da rua. Faça sol ou faça chuva. Alexandra diz que ouve sotaques de toda a parte do país, “e até da Galiza”. No meio de tantos disfarces, ainda consegue reconhecer as pessoas da terra. E durante esta noite, as rivalidades entre bares que ficam frente a frente, são postas de lado. “Na noite de Carnaval damo-nos sempre bem, temos sempre de colaborar uns com os outros, quanto aos preços, aos DJ. É uma noite em prol da rua, não é individual”. Pelas fotografias e vídeos que gravou o ano passado, arriscaria a dizer que por ali “passam entre cinco mil a seis mil pessoas”.



Manuel Faria: “Isto faz falta às populações, ajuda nestes dias a esquecerem o ritual do dia-a-dia. Durante estes dias não se olha a despesas, é para aproveitar”

pequeno *atelier* que serve de sala de arrumos. Os adereços de anos passados estão lá amontoados. Os deste ano, já estão meticulosamente organizados num dos cantos da sala de ensaio. Vêem-se fatos de corações, sapatos vermelhos e capacetes a simular artérias. Foram todos feitos pelo Sr. Manuel “em todas as meias horinhas” que conseguiu arranjar, já que no resto dos dias, o trabalho ocupa mais tempo que a folia.

No intervalo do espectáculo, o Sr. Manuel e os amigos vão participar no desfile. No ano passado ganhou o primeiro lugar e nos outros ocupou sempre

Perto desta rua, vai ficar o palco móvel da Orquestra Pentágono. Este ano, a câmara escolheu o conjunto dirigido por Manuel Faria, um dos foliões mais veteranos, para actuar. Manuel

é claro: quem vai ao Carnaval de Famalicão, nunca mais vai querer outro.

Na sede da orquestra, ensaia-se o espectáculo. O Carnaval vai ser noite de estreias. Ao lado, há um

“ Faço à volta de uns 40 fatos por ano, adoro, é o que mais gosto de costurar

Carmo Leitão
Costureira



FOTOS: NELSON GARRIDO



Um Carnaval pegado de Norte a Sul

De Loulé a Lazarim, passando por Torres Vedras ou Ovar, não faltam Carnavais para todos os gostos. É o caso do de São Miguel, Açores, onde se vive a época alta para “assaltos”. Só que os invasores, em vez da meia na cabeça, escondem a cara com máscaras de todas as cores e feitios. E em vez de furtarem, trazem tudo o que é preciso para fazer uma festa. Nesta tradição, só se “rouba” o sossego. “Escolhia-se uma vítima, uma pessoa que tivesse uma casa e pudesse organizar um baile com comes e bebes. Batia-se à porta, normalmente a horas inconvenientes, e entrava aquela mascarada toda. O proprietário da moradia ficava espantado, mas depois aceitava a brincadeira e a festa durava”, conta, à Lusa, Carlos Melo Bento, divulgador da história açoriana. Agora, também esta tradição, avisa, está já a desaparecer. Mas não deixa de haver folia, como é o caso dos tradicionais bailes no Coliseu Micaelense.

Mas para quem, além de dançar, gosta de gastronomia e tradição, há o Carnaval de Bragança. Até hoje celebra-se o Festival do Butelo e das Casulas e os Caretos, de chocalhos à cintura e bandoleiros com campainhas, percorrem estas ruas. Conhecidos por ter o diabo no corpo e assustar as raparigas solteiras e os outros visitantes, correm, saltam, dançam ao som de músicas tradicionais.

Também em Podence, uma aldeia de Macedo de Cavaleiros, esta tradição está viva e recomenda-se. A festa de Carnaval dos Caretos já faz parte do Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial e o grupo etnográfico já teve várias participações internacionais noutros Carnavais.

Em Lazarim, uma aldeia perto de Lamego, os caretos também saem à rua, mas desta vez vão acompanhados de senhoritas. Os muitos artesãos da vila esculpem máscaras carrancudas em madeira, feitas em madeira de amieiro, e desfilam-nas pelas ruas da vila. Na terça-feira, eles podem vingar-se delas e vice-versa. Lêem-se as críticas acumuladas ao longo do ano em forma de lengalenga satírica. Depois, todos os pecados são perdoados e segue-se a última ceia

carnavalesca, onde não pode faltar a feijoada e o caldo de farinha. Hoje, realiza-se também a rota do Entrudo, num percurso pelas Máscaras de Lazarim para admirar paisagens características da aldeia e contactar com as histórias e tradições que as populações locais guardam.

Nas Cabanas de Viriato, em Carregal do Sal, não se samba. Numa tradição com mais de dois séculos, a “dança grande” acabou por evoluir para a “dança dos cus”. A coreografia é simples: os pares, divididos em duas filas, ao terceiro compasso da

música, viram-se para o centro e chocam os traseiros. Este desfile acontece na segunda e terça-feira.

“Trapalhão”, “satírico” e “muito divertido”, assim é o Carnaval das Caldas da Rainha que promete não poupar “nenhum figurão”. Até houve um *casting* para encontrar um rei e uma rainha que dessem vida às personagens Zé Povinho e Maria

Em Torres Vedras, também se elegem os “monarcas da folia”, que, num momento “solene”, de forte sátira, recebem as Chaves da Cidade, das mãos do presidente da Câmara

Municipal. A partir daí, os destinos de Torres Vedras ficam nas mãos de Suas Altezas Reais folionas, sempre dois homens. A cidade conseguiu organizar um desfile que, segundo a organização, é “provavelmente o maior desfile escolar do país” – reuniu mais de 8 mil “jovens foliões”, dos 78 estabelecimentos de ensino do concelho e foi visto por mais de 30 mil pessoas.

E depois há Loulé, com os seus cortejos. E mais... muito mais. O que interessa nestes dias é a diversão. Com ou sem máscaras.

PUBLICIDADE



AOS TRABALHADORES DO MILLENNIUM BCP

O SBN defenderá, como sempre, os seus Associados e os direitos sindicais recorrendo a todos os meios legítimos ao seu alcance.

O SBN tomou repetidas posições claras perante o BCP, repudiando qualquer discriminação dos seus associados e a divulgação de informações que geraram escusada intranquilidade ou confusão entre os trabalhadores.

O SBN garante que os seus Associados não serão minimamente prejudicados, bem pelo contrário. Quanto à questão particular do prémio de antiguidade, não faz sentido o burburinho ou inquietação suscitada hoje. Aliás, se não fosse aplicado aos Associados do SBN o Novo ACT, sempre se manteria em vigor o anterior regime ou direito ao prémio de antiguidade que, visto isoladamente, era uma regalia mais favorável.

Importa sublinhar que o novo ACT será aplicado integralmente aos Associados do SBN.

A lei proíbe ao BCP, por si ou através de outrem, qualquer ingerência na atividade sindical do SBN ou dos seus Associados e representantes sindicais. Com efeito, é punível criminalmente o administrador, diretor, gerente ou outro trabalhador que ocupe lugar de chefia que seja responsável por qualquer ingerência na organização e gestão do SBN ou, por qualquer modo, impeça ou dificulte o exercício dos seus direitos.

O SBN, repete-se, recorrerá a todos os meios ao seu alcance em defesa dos direitos que lhe compete promover e assegurar, que é a primordial função dum verdadeiro Sindicato.

A DIREÇÃO

o pódio. Este ano espera que a sátira inspirada no processo Octafarma, da “Máfia do Sangue”, convença o júri.

“Há Carnavais como é o caso de Ovar, Estarreja e por aí abaixo que são Carnavais organizados, com escolas de samba que se vão preparando durante o ano, vão trabalhando nos seus corsos, nos seus carros alegóricos”. A diferença do Carnaval de Famalicao, diz, é que é “espontâneo” e por isso é que “conquistou cada vez mais gente”.

Manuel está a preparar esta noite há três meses. “Isto faz falta às populações, ajuda nestes dias a esquecerem o ritual do dia-a-dia”. “Durante estes dias não se olha a despesas, é para aproveitar”, ri. Porque esta vida são dois dias. E o Carnaval, aqui, são bem mais que três. **Texto editado por Ana Fernandes**